

**CORRIGIR A MUDEZ DOS LIVROS: HIPÓTESE SOBRE O ORAL E O
ESCRITO EM PLATÃO**

Plínio Fernandes Toledo

Doutorando em Ciência da Literatura - UFRJ

“O áanax ou tò manteiÓN esti tò en Delfois, oute légei oute kríppei, allá semaínei.”

Heráclito

“... E foi assim, Glauco, que o mito foi salvo do esquecimento e não se perdeu. Ele pode, se o compreendermos, salvar-nos a nós mesmos.”

Platão, República, X

I

Foram insuficientes e parciais as interpretações da filosofia platônica, de Schleiermacher à Escola de Tübingen, porque não chegaram a produzir satisfatoriamente nenhuma visão de conjunto que pudesse fornecer um meio de acesso a Platão a partir de uma concepção abrangente que ressaltasse a complexidade polissêmica de cunho dialético do pensamento do mestre de Atenas. Os paradigmas hermenêuticos pautaram-se pela exclusividade e exclusão, ora ressaltando a importância da escritura, ora colocando em relevo a importância da oralidade na filosofia platônica.

Não obstante, haveria uma idéia medular, que escapou à percepção dos leitores e comentaristas, a partir de cuja compreensão seria possível superar os dois momentos excludentes e traçar uma visão de conjunto que fornecesse uma perspectiva integral do pensamento platônico como síntese entre oralidade e escritura? Pois hoje arriscamos a ver que “faz parte do interior e da essência da forma platônica tudo aquilo que resulta da intenção de obrigar a alma do leitor à produção de idéias próprias.” Aqui a força do diálogo, vale dizer, da forma literária platônica, escapa às restrições, aos clichês e estereótipos advindos de más escolhas orientadas por decisões parciais e precipitadas. Ao invés de se ler o diálogo “Lê-se o simulacro do diálogo platônico”. (PUCHEU, 2007, p. 144) e é preciso retornar ao texto e esmiuçá-lo nas múltiplas direções que aponta. Esmiúçar o texto significa lê-lo com o cuidado que merece. Mas veja que quando dizemos que a leitura do texto deve ser feita com o merecido cuidado já ressaltamos a importância do texto e sua posição privilegiada no contexto do pensamento do autor.

O que significa dar-se ao trabalho de escrever se não for para exercitar um procedimento que revela simultaneamente sua própria importância e a importância do assunto de que trata? Caso o assunto não pudesse ser tratado em um texto um autor como Platão não o teria feito. Por que não reservar o trabalho paciente do conceito à oralidade? Mas a oralidade é de fato um meio privilegiado e talvez único, segundo sustentam os defensores do “novo paradigma hermenêutico”, para a transmissão dos conteúdos verdadeiramente filosóficos? O que pode o discurso que o texto não pode? O texto escrito não possui virtudes que faltam ao discurso da mesma forma que este possui qualidades que o escrito não possui? Mas isto não é elaborar o óbvio? No entanto o óbvio, o pé da letra é o início de todo pensamento. Para a interpretação filosófica é o ponto de partida fundamental.

Quantas vezes não nos deparamos com o cotidiano elementar e comum nos diálogos platônicos? Como ensinar o que não se sabe? Mas como saber o que não se sabe e, no entanto, nos guia como um saber imediato? Um impulso inconsciente que nos orienta a ação e permite-nos distinguir perfeitamente o valor moral da mesma. Discutimos a virtude e não acertamos em defini-la, mas, sem apelar para uma moral provisória, continuamos exercendo-a ou não sem precisar explicitá-la conceitualmente. Há muita coisa envolvida no negócio da

filosofia e a tentação de simplificar deve saber que o simples é um ponto de partida e não a medida da avaliação e da classificação. Em filosofia, conforme adverte John L. Austin, *au pie de la lettre* é sempre o pé da escada. Começa-se no primeiro degrau. O primeiro passo é o que possibilita todos os outros. Mas deve ser dado com cuidado. O pé da nossa escada é o fato de que Platão escreveu demais para quem desprezava a escrita. Se pensarmos na quantidade de páginas que ele nos legou sem ter sido pressionado pelas exigências acadêmicas do *publish or perish* o fato se potencializa. Eleva-se ao cubo a potência do escrito.

Sêneca em suas cartas a Lucílio, conforme lembra Borges, dirigiu uma repreensão contra um indivíduo muito vaidoso por possuir uma gigantesca biblioteca de cem volumes. O cúmulo da arrogância, pois quem seria capaz de ler cem livros em uma vida? A anedota contada por Sêneca nos diz algo acerca da mentalidade antiga e do lugar ocupado por um pensador como Platão no contexto de seu tempo: um homem que escrevia demais. Nos dois sentidos: profusamente e muito bem. A antiguidade clássica não demonstrou nosso respeito pelo livro, embora saibamos que nosso conceito de livro remete mais ao códice de Gutenberg do que aos papiros antigos. Instrumentos mais escassos e de serventia bem mais limitada nos quais seriam necessários registrar apenas conteúdos que fossem importantes lembrar.

Na antiguidade há algo que nos custa a entender e que não se parece com o nosso culto ao livro. Este é considerado mais como um auxílio à memória que como um objeto autônomo. Parece ser isto o que observa Platão em seu mito sobre a origem da escrita. Escreve no Fedro que

Assim pois, aquele que acredita deixar depois de si uma arte registrada por meio dos caracteres da escrita e aquele que, por sua vez, a recolhe com a idéia de que dela provirão certeza e consistência são, sem dúvida, tolos e desconhecem, certamente, o oráculo de Amon, se crêem que discursos escritos são algo mais do que um meio de fazer relembrar àquele que já o conhece aquilo de que trata aquele escrito.

FEDRO: É isso mesmo.

SÓCRATES: A escritura apresenta, meu caro Fedro, um inconveniente que, aliás, se encontra também na pintura. Efetivamente, os seres a que esta última dá à luz têm a aparência da vida, mas, caso se lhes faça uma pergunta, manterão, dignamente, o silêncio. O mesmo acontece com os discursos escritos. Poderíamos crer que falam como seres sensatos, mas, se os interrogamos com a

intenção de compreender o que dizem, limitam-se a exprimir uma única coisa, sempre a mesma. Uma vez escrito, cada discurso chega aos mais variados lugares e é recebido tanto por aqueles que entendem do assunto quanto por aqueles que não podem entendê-lo; ignora a quem deve e a quem não se deve dirigir. Se vozes discordantes se fazem ouvir a seu respeito, se é injustamente injuriado, tem sempre que recorrer a seu pai. Sozinho, com efeito, é incapaz de repelir um ataque ou se defender. (PLATÃO. 1985)

Por sua vez, Proclo, um filósofo neoplatônico cujo pensamento desperta hoje grande interesse entre os filólogos, escreveu tanto que cansou os copistas medievais. Ficamos apenas com restos de uma obra ciclópica. E está lá toda a chamada protologia, o *megistho mathema*, os primeiros princípios e toda a doutrina esotérica que Platão, com ciúmes ou por precaução, evitou escrever. Mas sobre o que não interessava escreveu bastante. Guardou para os iniciados a doutrina acerca dos primeiros princípios e se divertiu escrevendo para o resto sobre assuntos de menor importância como o amor, a virtude, a ciência, a *politéia*, a justiça, etc. E sobre sua maior invenção: Sócrates: personagem que inspira mais o pensamento e acende a imaginação que os conceitos.

Não dá para descartar o óbvio a partir de duas passagens, uma encontrada no *Fedro* e outra na *Carta VII*, e de algumas fontes secundárias como Aristóxeno e Aristóteles. Não é possível desvalorizar o escrito em Platão. Melhor seria articulá-lo ao que o filósofo ateniense considerava a respeito das virtudes da oralidade. Sabemos que os livros não são objetos mortos como as estátuas porque só existem no contato com o leitor que o ressuscita a cada interpretação. Os leitores podem ir enriquecendo os livros, modulando a voz do autor que chega até nós.

Repercutindo Emerson, Jorge Luis Borges lembra que

uma biblioteca é uma espécie de gabinete mágico. Nele se encontram, encantados, os melhores espíritos da humanidade, mas que esperam nossa palavra para sair de sua mudez. Temos de abrir o livro; aí eles despertam. (BORGES. 1985. 10)

É possível que Platão não tenha desconsiderado o fato de que diante da inteligência de um leitor preparado os livros não permanecessem mudos. Que

fosse permitido a este leitor corrigir a mudez dos livros e que a palavra escrita não permanecesse, ao fim e ao cabo, refém de seus próprios limites. Imóvel como uma estátua. Na verdade o escrito pode ser entendido como um meio pelo qual se pode dinamizar um pensamento que se recusa a morrer e quer permanecer vivo na imaginação criadora daqueles que o recuperam através da leitura. Por isso Platão dedicou tanto tempo e espaço a eles?

Não é característico de um grande escritor e filósofo perder tempo com palavreado sem importância nem registrar por escrito superficialidades não muito úteis a iniciados que podem muito bem passar sem elas. Talvez para fazer propaganda daquela forma decadente de sabedoria denominada filosofia, que está sempre a um passo atrás do saber? Quem sabe construir um jogo de sutilezas cujo significado esconda-se no exercício fútil de uma habilidade poética excepcional que não se pode conter e extravasa em criatividade literária? Ou quem sabe Platão precisava de público? Ou talvez a filosofia comece exatamente no ponto em que se permite a articulação do conceito na arquitetura do texto dialógico cuja amplitude, sutileza e movimento são mediações indispensáveis à comunicação do filósofo com o mundo: o mundo das coisas e dos homens.

II

O pensamento instrumental que opera por exclusão não percebe o óbvio: todo texto está e não está escrito. Aristóteles e Wittgenstein fizeram a mesma observação em contextos diferentes. O texto só existe no ato da leitura que o realiza mediante a compreensão; portanto é potencialmente oralidade.

O conjunto dialogante autor, texto e leitor é o referencial que nos permite situar o sentido de uma ação compreensiva que só se realiza no desdobramento triádico dos momentos que se complementam.

Por sua vez, o discurso pressupõe o ouvinte. No caso do diálogo um partícipe ativo na elaboração do tecido verbal cuja dinâmica busca a compreensão mediada pelo símbolo. Nos dois casos: o oral e o escrito, o tecido simbólico tramado pelo filósofo busca capturar a realidade do mundo em

uma rede de palavras. Avança até o ponto em que a matéria trabalhada pela linguagem é urdida no tecido semântico sem perder a sua especificidade. Transmuta-se em símbolo para se afirmar como existência.

O trabalho do filósofo com a linguagem é complexo e plurifacético porque assim é a realidade que ele busca recuperar. Caso ele escolha um lado já está de antemão comprometendo o sucesso de sua tarefa. Deve, portanto, abrir-se a uma pluralidade de procedimentos uma vez que a matéria indócil que trata assim o exige.

Uma multiplicidade de estilos e um uso plural de instrumentos que não se reduz nem à forma lógica nem ao cinza do conceito, o termo é de Nietzsche. É aqui que começa o nosso esforço: pensar a forma de comunicação platônica sem reduzi-la, portanto evitando os grandes cortes que a mutilaram. Ensaíamos uma maneira de compreender como foi possível a um pensador crítico da escrita escrever tão profusamente e de modo tão brilhante. Como redimensionar as relações entre o oral e o escrito a partir das múltiplas linhas de força que falam dentro do diálogo platônico e que ele sintetiza. Um meio se apresenta: fazer movimentar a máquina da interpretação a partir da decisão de enxergar o texto em sua riqueza, em ver como é possível ao escrito salvar o oral mantendo viva a dimensão de sua incompletude e de suas oscilações, de ser corrigido e ampliado mediante o trato interpretativo. Mais, percebendo como a linguagem escrita possui meios de compactar não no conceito, mas no mito e no símbolo uma riqueza de conteúdos que convida a inteligência ao trabalho ativo de realizar o escrito, em outras palavras, oralizá-lo.

Não é tempo de fugir dos paradigmas e encarar o texto platônico de maneira menos dogmática e mais atenta à sua singularidade, situando-o no plano de um desenvolvimento plurifacético no interior de um processo crítico e dialético que busca recuperar na elaboração escrita a dimensão e a matriz significativa da oralidade? Que não privilegia, mas vinculam num grau de densidade e complexidade ímpar os momentos da reflexão e expressão que a modernidade, com seu olhar voltado para a disjunção e as diferenciações abstratas perdeu?

Seria possível superar as perspectivas conflitantes e excludentes mediante a identificação de uma categoria literária, amplamente utilizada por Platão, através da qual o filósofo articulasse os planos diversos do seu filosofar

numa unidade não apenas lógica, mas estética? Vale uma análise do mito em sua função simbólica como porta de acesso ao pensamento platônico? Como instrumento que, por sua natureza mais aberta e mais rica que o conceito, permite ao escrito salvar-se a si mesmo de sua mudez? Em caso afirmativo, é possível a compreensão do mito como forma de articular planos diversos no interior de uma mesma imagem superando os limites do discurso conceitual que, necessariamente, opera a partir da categorização e da distinção hierárquica de formas vazias e estranhas ao caráter dialético e poliédrico de uma escrita que se faz múltipla e movente em sua *démarche*?

É possível ler Platão segundo uma nova ótica que permita fazer orbitar os seus problemas em torno não de um núcleo, de uma categoria central, mas de imagens que guardem em sua complexidade a potência do mundo que figuram? Não conceitos, mas indefiníveis cuja estranheza e ubiqüidade não podem ser incluídas na oposição filosófica binária. Tal indefinível é capaz de guardar o máximo de significado num mínimo de espaço significativo, instaurando uma relação entre forma e conteúdo na qual aquela permite o máximo de abrangência semântica e exige o máximo de participação ativa do leitor na decodificação do escrito. O escrito enquanto algo que resiste ao esforço de determinação, de codificação, de fixar em que cada passo interpretativo cria novas tarefas de interpretação? Há no cerne da literatura platônica o indefinível que por ser indeterminação dialoga com o leitor e o convida constantemente à oralização do escrito: algo que não se guarda nem se resolve em modelos, mas pede decisões vinculadas à posição do sujeito.

III

É verdade que quem quiser compreender a filosofia platônica terá de fazê-lo a partir da sua plenitude e do seu conteúdo, tão grande como nobre. Como fazê-lo? Possivelmente através da análise simbólica do mito considerado não como determinação categorial, mas como imagem que contém muitos

significados contrários ou díspares aos quais abarca ou reconcilia sem suprimi-los. Submete assim à unidade a pluralidade do real sem reduzi-lo a unidades homogêneas e discretas.

A operação unificadora do conceito e a redução categorial mutila as coisas e as empobrece. A palidez do conceito provoca a impotência de sujeitar à margem da significação aquilo que nele não cabe. A moeda gasta da determinação categorial não figura a pluralidade do mundo.

Há um proceder praticado por Platão que não privilegia o conceito nem tampouco trabalha mediante a redução categorial. Como um poeta que nomeia as coisas e ao identificá-las não tira delas o seu aspecto singular e concreto, nem as abstrai no imobilismo, Platão soube fazer do mito um momento singular da filosofia, mostrando-nos que nas imagens mais altas conseguidas mediante a articulação simbólica do sentido as coisas são o que são e a linguagem diz o ser ao apresentá-lo em sua inteireza. A poesia como veículo de acesso ao ser.

O filosofar começa na desconfiança, a crítica inicia quando se começam a ensaiar os caminhos. Platão crítico da escritura ou escritor da oralidade; Platão defensor da oralidade ou oralizador da escrita? Os termos são excludentes ou se integram na imagem, na figura e no símbolo? Um Platão imaginativo e metafórico antes que conceitual? O apreço da crítica pelo conceito apenas um recorte interpretativo? O logos críptico naquilo que acena.

O símbolo mítico guarda aquilo que a inteligência deve separar ao decifrar sua lógica peculiar e dessa forma unifica aquilo que o pensamento teima em separar. A pluralidade de significados não desaparece: recolhe e exalta todos os valores das palavras sem excluir os significados primários e secundários; mantém a tensão das forças contrárias sem perder a unidade e sem se converter em mero disparate. Qual pode ser o sentido da imagem mítica se vários e díspares significados lutam em seu interior? Possuem autenticidade, constituem uma realidade objetiva e dizem algo sobre o mundo e nós mesmos.

É possível, portanto, ler Platão segundo um enfoque que permita ao texto manter-se em movimento desenvolvendo-se no curso de sua penetração interpretativa. Traduzi-lo sem mutilá-lo nem enrijecê-lo: a interpretação transforma-se numa extensão do texto ao tentar suplementá-lo. O símbolo em sua função imagética condensa muitos significados e convida à realização da

leitura como diálogo vivo entre leitor e texto, permitindo a recriação do significado e a recuperação dos sentidos parciais no interior de um processo ativo em que o texto é um desafio à reconstrução de uma significação mediante a qual estabelece-se uma relação entre as figuras do filosofar como momentos relativos, guardados no todo da imagem mítica e recuperados na reorganização mediada da leitura. O que era texto condensado em imagem é como que oralizado mediante o momento analítico da leitura. Os comentários fazem parte da trama e entrelaçam-se ao próprio texto ao mesmo tempo em que este salta da página integrando-se, no momento da leitura, à experiência do sujeito.

A “Alegoria da Caverna”, por exemplo, foi vista, sucessivamente, como símbolo da metafísica, da gnosiologia e da dialética platônicas, e também da ética e da ascensão mística. Na verdade, ela simboliza tudo isto e também a política platônica, sua antropologia e sua filosofia da educação e, fundamentalmente, reconhece-se hoje, as vigorosas alusões de caráter protológico que ela apresenta de maneira extremamente poética. É o mito que exprime o todo sem mutilá-lo na linguagem e, exatamente por isso, pela sua amplitude, residente em seu extremo poder simbólico, ele pode nos servir de guia no esforço de traduzir Platão, cuidando de não operar com categorias parciais e excludentes que postulam um mundo composto de unidades discretas e distintas totalmente classificáveis.

Procura-se não trair algo marcante em Platão: o afã pantonômico de sua visão de conjunto que caracteriza a *démarche* filosófica como um permanente exercício de um ato criador que não se furta a complexidade e a tensão daquilo que sua formulação quer representar.

Derrida identifica num termo, o *pharmakon* usado no *Fedro*, a polissemia regular que por um desvio, indeterminação ou sobredeterminação, mas sem o erro de tradução que suprimiu sua tensão, permitiu significar o mesmo termo “remédio”, “receita”, “veneno”, “droga”, “filtro” etc. Por causa dessa capacidade, observa Derrida, *pharmakon* é, antes e, sobretudo, poderoso porque ambíguo e ambíguo porque poderoso. Imagem simbólica que guarda em si conteúdos díspares consumindo nele e suprimindo a oposição – a própria possibilidade de oposição.

Permite-se outra visão de conjunto que Platão aconselha sem especificar:

“Quem sabe ver o conjunto (*sinóptikos*) é dialético, quem não sabe não o é”.
(Platone, **Repubblica**, Livro VII, 537 C)

Na mesma direção aponta este pequeno trecho de “O Sofista”:

“Estrangeiro – De fato, meu amigo, não só é incorreto tentar separar tudo de tudo, mas é típico de um homem completamente privado do dom das musas e ignorante da filosofia.

Teeteto – Por quê?

*Estrangeiro – Dissociar cada coisa de todas as outras coisas é o modo mais radical de aniquilar todo discurso (*logos*). Na verdade, é da ligação mútua entre as formas que nasce o nosso discurso “. (Platone, *Sofista*, 259 E)”.*

Seria, portanto, mais do que justo operar uma análise que procura situar-se no âmbito de uma problemática e no rumo de um procedimento justificado e postulado pelo próprio autor.

Acreditamos ser possível recuperar a dimensão simbólica do mito e da metáfora no platonismo em sua dimensão mais ampla e em todo o vigor de sua tensão essencial. Nossa análise, partindo do símbolo e de suas valências, pretende dimensionar o significado verdadeiro da atividade filosófica em Platão representando-a por aquilo que ela efetivamente é: não uma forma de escrita que, mediante o discurso conceitual põe a possibilidade da filosofia em contraste com as oscilações e incertezas da oralidade, nem tampouco como atividade essencialmente oral que usa do recurso escrito apenas como auxílio à memória e registro de coisas de menor importância, mas como resgate da dimensão dialógica e viva da oralidade no plano formal da escritura. Que traz para dentro do escrito as tensões e oscilações do mundo enquanto experiência trágica: multiplicidade, contradição e palavra viva.

Mediante a dupla determinação: “compacto” e “diferenciado” nos permitimos traçar a linha que conduz do mito à filosofia fundando, portanto, a possibilidade da oralização do escrito como tarefa interpretativa vinculada ao desafio situado no interior da tensão (*Eros*) posta pelo intermediário (*metaxu*).

“Compacto” significa simplesmente que a consciência contém aspectos que poderiam ser, mas que ainda não foram, efetivamente, distintos. Assim, tais aspectos podem ser apresentados numa totalidade sinótica que o símbolo guarda, cuja tarefa apresenta-se à leitura, enquanto oralização secundária, como efetivação do que no escrito era potencial. Platão refere-se à *diárese*

como método de descompactação da experiência guardada no símbolo. Desta forma, o mito, na medida em que se apartou da experiência vivencial transmutando-se em símbolo escrito, deve ser considerado como simbolização compacta de verdades e conteúdos posteriormente diferenciados como “discurso” (*logos*). O conteúdo condensado na imagem move-se no tempo da leitura e se diferencia em múltiplas potencialidades no ato da interpretação.

Não é exatamente o que se pode demonstrar através da análise daquilo que o mito sintetiza em todo o seu vigor simbólico?

Diante de um símbolo verdadeiro somos constantemente convidados a realizar o que a escritura põe como possibilidade, a dizer (oralizar) aquilo que o mito acena; a determinar os caminhos que ele delinea, mas não traça, cuja tarefa, a construção do sentido mediante a elaboração do que o símbolo reúne e articula, cabe ao exercício ativo e atualizador da interpretação. Platão não funda, em sua utilização do símbolo, a possibilidade de uma racionalidade plurifacética, não só analítica ou dialética, mas, fundamentalmente, hermenêutica? É em torno destas questões que orbitam nossas hipóteses e delineiam-se os nossos objetivos. Traçar uma visão compreensiva da concepção platônica da expressão filosófica a partir de uma perspectiva que nos permita superar aspectos aparentemente contraditórios e inconciliáveis.

O recurso ao mito, ao potencial agregador de sentido da imagem, seu valor simbólico, realiza aquilo que a arquitetura conceitual não consegue. Mais ainda, acreditamos que ele situa o horizonte do discurso filosófico em uma amplitude que o qualifica a abranger todas as figuras que o pensamento platônico elabora e relaciona em sua urgência de compreender o todo. O que procuramos evidenciar mediante a leitura de Platão é valor simbólico da palavra e do discurso que permite atualizar permanentemente através da palavra escrita a força significativa do pensamento em constante processo de autoconstrução.

O valor simbólico do mito consiste em reunir o que o pensamento posteriormente deve separar; em articular o que a interpretação deve relacionar; em sugerir o que a leitura deve verificar; enfim, em guardar o máximo de significado num mínimo de potência significante permitindo ao pensamento que interpreta fazê-lo através de um diálogo ativo e construtivo como o texto.

IV

Mas o que é o símbolo? Partindo do primeiro sentido do símbolo, conforme encontramos em Pausânias (VIII, 54) vemos que este designa a “assembléia das águas” (*súmbola*), o lugar onde elas se precipitam e se reúnem. Este sentido verbal de *sumbállein*, essencialmente dinâmico, é utilizado com o mesmo significado desde Homero. Chamava-se, por exemplo, *Súmbola* a uma localidade situada no limite da lacônia e do território de Tegeu, porque naquele lugar se reuniam vários cursos de água. *Súmbola* era também termo técnico da navegação grega. Chamava-se *súmbola* à parte central da verga porque as duas metades desta, uma vez juntas (*sumbállein*), sobrepõem-se no cimo do mastro, sendo nessa altura ligadas por correias.

Em ambos os casos, o sentido concreto, natural e dinâmico de verbo é bastante claro. Evoca um movimento que “junta” que “reúne” elementos e aspectos à primeira vista separados uns dos outros, mas que formam uma unidade na trama compacta de suas relações. Aliás, o verbo *sumbállein* apresenta em primeiro lugar um uso transitivo: “lançar ou atar em conjunto, pôr em conjunto”, daí “aproximar” e, por extensão, estabelecer liames, relações que fundam a possibilidade da troca de palavras e, portanto, do próprio discurso. Em Platão na República *sumbállein sumboláia prós allélous* (425C). No Crátilo Platão usa: *sumbállein kresmón* no sentido de “interpretar um oráculo”, vale dizer, determinar mediante um processo de diferenciação aquilo que o símbolo agrega em sua forma sintética de apresentação. Tornar discurso o que o símbolo apresenta; trazer à tona o conteúdo da representação, conteúdo que a excede e que ela, em sua forma peculiar, agrega.

O símbolo convertido em processo de pensamento e discurso, efetivado e oralizado pela leitura, torna-se filosofia (*logos*). Não há, portanto, isolamento dos planos, ontológico/gnosiológico, oral/escrito, pensamento/linguagem, educação/jogo, mas reunião poliédrica e polissêmica que caracteriza a dinâmica do símbolo no interior do discurso platônico. Neste sentido, o mito em seu conjunto é um exercício insuperável de integração do múltiplo no uno mediante uma indeterminação inerente que sugere a leitura não como um

processo de abstração do texto, mas mecanismo de complementação dialógica do sentido do mesmo que somente pode ser alcançadas mediante um hábil uso da função simbólica da linguagem. Da forma como Platão nos apresenta seus mitos, analogias, alegorias, em uma palavra, imagens, ele, ao mesmo tempo, não estaria nos dizendo indiretamente que o discurso filosófico é capaz de salvar na escritura aquilo que a linguagem possui de riqueza dialógica que a faz dinâmica e viva?

A construção simbólica possui a virtude de estimular e convidar a inteligência a interpretar, vale dizer, a discorrer analiticamente explicitando e desmembrando o que o símbolo reúne. Nesse processo, o discorrer deixa de ser diálogo executado através de palavras trocadas entre duas pessoas para tornar-se “o diálogo silenciosamente conduzido pela alma consigo mesma”. (PLATÃO, *O Sofista*, 263 e) Da designação do método (*e dialektiké métodos*, VII, 533 C) passa a identificar-se com o próprio objeto que deve ser alcançado por essa via, que é o saber filosófico. Portanto, na apresentação do símbolo são englobadas as determinações fundamentais da expressão filosófica platônica que a caracterizam como exercício ou jogo intelectual realizado no âmbito dialético em que as figuras são confrontadas e articuladas em função da compreensão do todo e na direção de sua realização pela leitura.

Nosso objetivo é, pois, recuperar a significação da filosofia platônica no âmbito da análise simbólica. Situa-la no terreno literário dos construtos artificiais que se impõem à inteligência como desafio à interpretação e à interpenetração leitor/texto trazendo o escrito como forma de por em movimento os conteúdos da oralidade. Porque Platão se utilizava amplamente de imagens simbólicas ambivalentes? Porque nelas transmuta-se em escrita conteúdos vitais que, aparentemente, apenas poderiam ser adequadamente comunicados na dimensão da oralidade. Assim sua visão sinótica e seu estilo são preservados e o oral salvo mediante o escrito.

V

O mito não salvou a filosofia do esquecimento, salvou o discurso da terrível possibilidade, imposta pela palavra escrita, de torná-lo morto. O texto

do poeta como linguagem em tensão tensiona o campo da significação até ao ponto de sua ressurreição na oralidade. Desta forma, através da potência simbólica da imagem mítica corrige a mudez dos livros. Os mesmos livros que são lidos para eternizar a memória e nos quais Platão, como um Proteu literário, transmutou-se em tantos personagens, até mesmo os que não criou imediatamente, como o leitor moderno que segue lhe dando voz a cada palavra lida.

BIBLIOGRAFIA

BORGES, Jorge Luis. *Cinco visões pessoais*. Tradução de Maria Rosinda Ramos da Silva. Brasília: Editora Universidade de Brasília, 1985.

COLLI, Giorgio. *La sapienza greca III*. Ercolano. Milano: Adelphi Edizioni, 1996.

DERRIDA, Jacques. *A farmácia de Platão*. Tradução Rogério da Costa. São Paulo: Iluminuras, 2005.

PLATON. *Oeuvres complètes*, t. IV, parte 3, *Phèdre*, texto estabelecido por Claudio Moreschini e traduzido para o francês por Paul Vicaire., Paris: Les Belles Lettres 1985.

PLATONE. *Sofista*. Presentazione, traduzione e note di C. Mazzarelli. Milano: Rusconi, 1996.

PLATONE. *Repubblica*. Presentazione, traduzione e note di R. Radice. Milano: Rusconi, 1996.

PUCHEU, Alberto. *A poesia e seus entornos interventivos*. In: *Pelo colorido, para além do cinzento*. Rio de Janeiro, Beco do Azogue, 2007. P. 142.

SCHLEIERMACHER, *Introdução aos diálogos de Platão*. Belo Horizonte: UFMG, 2002, p. 66. Citado por PUCHEU, Alberto. *A poesia e seus entornos interventivos*. In: *Pelo colorido, para além do cinzento*. Rio de Janeiro, Beco do Azogue, 2007. P. 142.